



Sociedade das Ciências Antigas

MELKI-TSEDEK, SHEKINAH E METATRON

OS INTERMEDIÁRIOS CELESTES

Por Tau Athanasius, 1996 EG

Através dos milênios persiste o mito de Melki-Tsedek como um mistério inalcançável e desconhecido para o ser humano.

Unicamente seres muito especiais através da história tem sido capazes de perceber o verdadeiro conceito e a importância que abarca a clássica fórmula de ordenação sacerdotal “E para sempre serás sacerdote da Ordem de Melki-Tsedek”.

A ordenação sacerdotal basicamente é uma iniciação e como tal é um processo que torna possível que o processo de individualização do homem se acelere respeito ao habitual no curso natural da evolução humana.

Este processo que se caracteriza pela unificação das características masculinas e femininas num ser humano, o que leva à união da função da mente que conhecemos como Razão e a função do coração conhecida como Intuição, e a premissa básica para a união de sua natureza humana e divina.

Como consequência o ser humano que tenha querido, tenha sabido e se atreveu a passar a morte ritual e tenha renascido como no mito da Fênix, e o único que pode pertencer à Ordem de Melki-Tsedek, Ordem do Mundo Interno que jamais poderia manifestar-se no plano físico e unicamente composta por iniciados das verdadeiras Escolas de Mistério.

Melki-Tsedek se considera habitualmente como uma imagem arquetípica do Sacerdócio Judaico - Cristão e, portanto, como Mestre da Santa Eucaristia, já que no Rito de Ordenação se usa o Salmo 110,4 “Tu és sacerdote in a eternun secundum ordinem Melquisedek.”

Porém, por trás destas curtas palavras se encerra uma verdade mais profunda. Em verdade, Melki-Tse-dek significa “Rei del Mundo” e é sob este título que se vê a função desde o ponto de vista da tradição judaico-cristã.

Na Epístola aos Hebreus 5,11, Melki-Tsedek é considerado como o Rei de Salem e Sacerdote do Deus Altíssimo (El-Eliom), quem abençoou a Abram iniciando-o, o qual assim passou a chamar-se Abraham.

É, pois, rei e sacerdote, e seu nome significa tanto Rei de Justiça como Rei da Paz (Salem = Paz). Ao contrário do que se pensa habitualmente ‘Salem’ não é nenhuma cidade, ainda que sempre haja sido considerada a mítica residência de Melki-Tsedek e equivalente à mítica cidade de Agartha.

Há que acrescentar que a palavra ‘Salem’ não tem nenhuma relação direta com a partícula final da palavra Jerusalém, antes chamada Jebus. Se não ao fato de que o Templo de Jerusalém fora

construído por Salomón (Shlomoh) ‘O Pacifico’, porque o seu nome provem da palavra hebraica Shlomoh, a qual deriva-se de ‘Salem’.

A mesma raiz também se acha nas palavras Islam e Moslem, com o sentido de Paz como caminho de submissão à divindade.

De Melki-Tsedek se diz que não tem pai nem mãe, nem princípio nem fim, nem genealogia e neste sentido, portanto, é semelhante ao Filho de Deus.

Melki-Tsedek é, hierarquicamente, superior a Abraham a quem investiu espiritualmente mediante a benção, sendo este o ponto de união entre a tradição hebraica (Abraham) e a tradição primordial do ser humano (Melki-Tsedek).

Portanto de uma forma curiosa, e desde logo muito distante das intenções das igrejas ortodoxas, nos encontramos com o fato de que a teoria gnóstica de que o verdadeiro Padre não é o Demiurgo judeu-cristão é certa.

Segundo a tradição hebraica dos sacerdócios. O sacerdócio de Aarón e o sacerdócio de Melki-Tsedek. Abraham deu lugar à tribo de Levi, de onde surge a família de Aaron, a qual é a família do sacerdócio do Demiurgo.

Se o Deus Altíssimo, Eliom, é o Deus de Melki-Tsedek, e este iniciou a Abraham, o Deus de Melki-Tsedek é mais poderoso que Shaddai, o Deus Todo-Poderoso de Abraham.

Portanto, Melki-Tsedek representa o arquétipo do sacerdócio de Eliom, e Eliom é gemátricamente equivalente a Emmanuel, cujo valor é 197.

Emmanuel é o sinônimo de Jesus, porque este seria sacerdote do Altíssimo, não do Demiurgo cristão. Como consequência o sacerdócio de Emmanuel é o sacerdócio cristão da verdadeira tradição do Pleroma, e não da tradição das igrejas romana, anglicana ou ortodoxa.

Na realidade, quando se fala de Melki-Tsedek fala-se de Adoni-Tsedek, Senhor da Justiça, que se desdobra a si mesmo como Kohen-Tsedek, Sacerdote da Justiça, e Melki-Tse-dek, Rei do Mundo. Esta divisão está relacionada em sua origem com a trindade Brahatma, Mahatma y Mahanga hindu. Porém, ainda que Melki-Tsedek não é mais que o nome do terceiro aspecto, e mais externo, se aplica como generalidade dos outros dois.

O Homem Vivo, que é Melki-Tsedek, é o Manú que mora perpetuamente, ou seja, por toda a duração de seu ciclo (manvantar) ou do mundo que rege. Sua origem não é humana, e sim, que é o protótipo de Homem e, portanto, feito à imagem, e semelhança de Deus.

No “Pistis Sophia”, Melki-Tsedek é denominado como o Grande Receptor da Luz Eterna, o que volta a identificar com Manú, e intermediário e recipiendário entre o divino e o humano.

Segundo algumas tradições, Melki-Tsedek havia sido consagrado no Paraíso pelo anjo Mikael com a idade de 52 anos, número muito importante na tradição hindu, onde se considera, entre outras associações, o número de todos os sentidos incluídos no Veda, número de letras do alfabeto e número das possíveis pronúncias da palavra OM.

Melki-Tsedek é o equivalente literal de Dadharma-Raja hindu que foi chamado Ayama ou o Juiz dos Mortos.

Seus atributos são a balança e a espada, os quais também são os atributos de Mikael, o Anjo do Juízo, e de Maat ó Ma, deusa egípcia da Justiça e da Verdade.

Isto representa na ordem social a função administrativa -Rei- e a função militar - Juiz -. Porém, não somente no aspecto mais externo, e sim principalmente no aspecto de Rei e Juiz de um mesmo, de nossa própria 'humanidade'.

A Shekinah é representada no mundo inferior por Malkuth (o Reino), e que entre seus sinônimos se encontra Tsedek (Justiça). Tanto Malkuth (Reino) como Tsedek (Justiça) são também títulos de Melki-Tsedek.

Porém, Tsedek também é o nome do planeta Júpiter, o que ajuda tanto os significados desta divindade governante e Juiz da mitologia greco-romana, como a relação cabalista com KJohmak.

Malkuth é o recipiente de onde confluem as águas do mundo de cima que se derramam em abundância, e portanto é o centro espiritual do mundo, o Monte Sión dos judeus, o Meru dos hindus ou o Albor dos Persas.

Shekinah é a presença real da Divindade, igual ao Tabernáculo e o Templo de Salomón são a residência e a casa da Divindade.

Shekinah se apresenta sob múltiplos aspectos sendo dois os principais, um interno e outro externo. Ao interno corresponde a palavra Glória relacionada com o Princípio, e à segunda a palavra Paz em relação ao Mundo Manifestado.

O termo árabe para a Shekinah é Sakinah, Grande Paz e é equivalente à Pax Profunda dos Rosacruz. Shekinah, presença de Deus, é conceituada como a síntese e última emanção entre os dez sephiroth, com a Torá na manifestação de sua multiplicidade. Deste modo se pode dizer que a Shekinah é o Paraíso da Torá, o Pardes haTorá.

Shekinah no exílio é chamada Pardes, pois está envolta nos quatro planos de manifestação, porém, constituindo ela mesma o núcleo mais interior.

Para o pensamento judeu existem quatro mundos ou planos de existência:

Olam ha'atsiluth ou Mundo da Emanação Transcendente onde moram os Sephiroth.

Olam ha'yberiyah ou o Mundo Ideal ou Espiritual ou da Criação pleno da própria imanência divina ou Shekinah.

Olam Ha'yetsirah ou o Mundo da Formação onde habitam os anjos, as almas e todos os seres-energia.

Olam Ha'asiah ou Mundo Corpóreo dos feitos concretos onde habita o ser humano.

Desta forma Deus está oculto em tudo o que cria, produzindo uma espécie de espelhismo onde se oculta. Shekinah está oculta atrás da cortina de Pagod e sendo a forma do Messias a forma do Homem Celestial, Metatrón.

Segundo a Tradição, Deus é totalmente desconhecido, porém, uma vez que a Shekinah é exilada, o que leva a separação do princípio masculino e feminino de Deus o que deve ser entendido como a consequência da queda de Sophia, Deus está oculto em tudo o que tenha sido, é ou será criado. Esta criação é, em uma primeira instância, obra da Shekinah, que cuida dela igual que uma mãe cuida de seus filhos.

A Criação foi feita do negro Vazio que Deus havia estabelecido em meio de sua luminosa plenitude (Pleroma) e que chega mediante Shekinah com seu reflexo que chamamos Existência. Este vazio é o espelho do reflexo cósmico, inerente à receptividade da Shekinah.

Os três Sephiroth superiores, Kether-Kjokmah-Binah, são chamados os três céus dos céus, o tríplice princípio imanente equiparável a Shekinah-Metatrón-Avir. Onde a Shekinah é a imanência de Kether, a presença divina em meio do cosmos; Metatrón é a manifestação de Kjokmah e, portanto, o aspecto ativo da Shekinah, a forma primogênita da que emanam todas as formas criadas e Avir, o éter, uma manifestação de Binah ou aspecto passivo da Shekinah, sua receptividade cósmica que da nascimento a toda substância criada, sutil ou material.

O conjunto Shekinah – Metatrón – Avir, constitui o mundo prototípico da criação espiritual (Olam Haberiya). Olam Haberiya tem sido chamado a esfera cujo centro está em todas as partes e sua circunferência em nenhuma (clara referência a Nuit y Hadit da Corrente Thelemita), já que somente reside nela Shekinah, a omnipresença infinita de Deus.

Shekinah é assim considerada pelos judeus a roupagem da Torá. A negra Residência de Deus no mundo, cuja presença é puramente receptiva e nada possui em si mesma.

Graças à divina contração e ao vazio que produz Shekinah tem lugar a expansão do mundo, e toda coisa vivente na imanência de Deus é um pequeno mundo criado a semelhança do macrocosmo.

Os outros sete Sephiroth constituem o mundo da formação (Olam Hayetsirah) e são causas e arquétipos dos sete céus que emanam dos céus dos céus. São o passo obrigatório de ida e volta das almas antes ou depois de passar pela existência terrena, e a morada das energias angélicas e espirituais. Cada céu emana uma terra e que em seu conjunto constituem o Paraíso das almas benditas.

Shekinah - presença real de Kether - une a radiação espiritual de Metatrón com a manifestação sutil de Avir e com a união forma os 7 céus inferiores.

Portanto, o conjunto Shekinah – Metatrón – Avir, está contido em Malkuth. Quando Shekinah descende em sua carroça (Merkabah) até o limite inferior de sua extensão cósmica todas as coisas criadas emanam dele e se abrem sobre seus respectivos planos de existência.

O Trono é a revelação celestial de Shekinah e o escabelo de Deus em sua radiação terrestre. O aspecto dinâmico e a manifestação cósmica do Trono é chamada a Carroça Divina ou Merca-bah. O duplo princípio imanente Shekinah-Metatrón seria incapaz de criar formas concretas sem a colaboração do princípio substancial de Avir.

Também há duas concepções da Shekinah, como Ecclesia mística de Israel e como alma (Neshamah).

Os espíritos são particularizações da radiação de Metatrón.

As chispas divinas são os arquétipos imanentes ou sementes espirituais de todo tipo de existência que exista nos céus e na terra das quais Metatrón é sua imagem, conjunta e indiferenciada, a única radiação criadora e redentora da Shekinah, e Avir é a pedra preciosa que se faz de prisma pela qual aparece a Luz indiferenciada de Deus como uma plenitude das possibilidades manifestáveis.

Por ele se pode dizer que Metatrón é Deus em ação e primeira revelação de Shekinah. No Homem Universal o corpo é Avir, sua alma é Metatrón e seu espírito é Shekinah. A Carroça é o apoio da imanência que permite a Deus descer ao Universo e voltar a ascender por reintegração em si mesmo. Vista de dentro a Carroça é Shekinah mesma e de fora é sua envoltura substancial, Avir.

O iniciado deve descer às profundidades mais recônditas de seu coração onde se encontra a Carroça (Mercabah), para elevá-lo através de todos os céus até o mundo divino. Estes que ascendem à Carroça são chamados Yorde Merkabah.

Segundo R. Guenón, Metatrón que, gematricamente, tem o mesmo valor que Shaddai (Todo-Poderoso), também é considerado como o Enviado, o Guardião ou o Mediador. Dele se diz que é o Anjo da Paz e Príncipe do Mundo (Sar ha oam). É considerado o polo celeste do Eixo do Mundo, sendo o polo terrestre Mikael, o Grande Sacerdote (Kehen Hagadol) e Príncipe da Clemência (Sar ha gadol). Somente se pode identificar Mikael com Metatrón no aspecto luminoso, já que o aspecto obscuro é representado por Samael (Sar ha olam), o Nome da Besta, do demônio do Sol Sorath.

Até agora foi visto o que a história escrita disse sobre estes três conceitos, e em particular desde a perspectiva hebraico-cabalística.

Tentemos agora analisá-los desde o moderno ponto de vista da Psicologia Jungiana que tantas vezes tem servido de elo entre os antigos mitos e os processos psicológicos humanos que são, definitivamente, o que interessa.

Sendo que num primeiro momento parece como se o conceito de Melki-Tsedek não vá unido necessariamente à tríade de Shekinah, Metatrón e Avir, o certo é que se necessitam mutuamente.

Melki-Tsedek representa para o que busca o arquétipo do Sacerdote, do Iniciado de Deus, porém, como arquétipo não está limitado a nenhuma religião ou filosofia particular, tal como o seria o sacerdócio de Abraham para os hebreus ou o Brahman para os hindus.

Melki-Tsedek é o arquétipo ‘per si’ do ser humano que toma contato com Deus, ou melhor dito, que é tocado pela Divindade. Não há nele nenhum delineamento filosófico, religioso ou moral, nem esta circunscrito a nenhum espaço ou tempo concreto. Simplesmente é ele que foi colocado em contato com o Pai Inefável do Santo Pleroma que, independentemente de credos, somente porta como bagagem a submissão ao Pai, arquétipo de alguma forma superior, e por tanto é portador do Modo, Maneira ou Ética do Sacerdócio.

A ética necessária que deve ajudar o sacerdócio no seu caminhar por esse ‘fio da navalha’ na vida do homem que sabendo-se humano e, portanto, com suas debilidades, também se sabe responsável do divino e de seu compromisso interno diante de seu “self” - seu eu interior -, de servir desde a obscuridade do anonimato à perda humanidade que o rodeia, começando com a sua própria.

Ele é o verdadeiro sacerdote, o verdadeiro Mercúrio que como Prometeu sobe aos céus para trazermos o Fogo dos Deuses, o Lúcifer que nos traz a Luz do Pai para que possamos iluminar nossos corações.

Porém, Melki-Tsedek é um conceito de um ‘produto já manufaturado’. Antes que ele exista, deve existir a matriz para fazer possível sua existência. E esta matriz é a formada pela tríada Shekinah-Metrón-Avir. Sem ela, ele não existiria, não poderia chegar a existir.

Na realidade Shekinah, Metatrón e Avir são a mesma essência, porém, com distinta substância. Shekinah, da que habitualmente e não de forma precisamente correta falamos em feminino, não é mais que a ponta do iceberg que emerge na manifestação desde Pai Inefável como verdadeiro Arquiteto do Universo.

Shekinah é um arquétipo intermediário, destinado a Kether, para que o ser humano sob o manto da necessidade de uma Mãe Universal, de uma Deusa Mãe que nos regenere em seu Útero Divino, possa acercar-se ao Princípio Inominável, totalmente desconhecido, que é o Pai. Este Princípio, que equivocadamente colocamos sexo masculino, é demasiado forte para nossa

humanidade e deve ser filtrado através de outro arquétipo intermediário que nos o ‘suavize’ sob a forma da Mãe, sob a recordação do calor de nossa própria mãe terrena. Porém, na realidade, essa Shekinah que tanto atrai ao ser humano não é mais que o primeiro contato com o princípio de energia que se esconde no Ain.

Porém, Shekinah é somente presença. Nem é ativo nem passivo, nem luminoso nem obscuro, nem masculino nem feminino. Simplesmente É.

Porém, como o Universo não pode ficar quieto, Shekinah vibra e nesta vibração a potencialidade de Shekinah se transforma numa energia cinética diferenciada, Metatrón, que em realidade é o mesmo conceito que representa Shekinah e o Pai Inefável, porém, diferenciado num arquétipo que ‘já’ nos resulta ‘útil’, já não nos ‘abrsa’ com seu poder. É a Energia Criadora de Kjokmah, o Logos, o Princípio que regenerará a manifestação física e real tal como é conhecida e sentida.

Já foi falado claramente do aspecto masculino e, por fim, a energia cinética, a energia em movimento, é uma energia positiva, de expansão, de projeção e, portanto, masculina. Metatrón não se guarda de nada. Não esconde nenhum mistério, e sim que projeta toda a sua carga de mito Arquétípico até o ser humano e é, na realidade, o princípio que o ser humano vê como ao Pai, que regenera no complexo do Pai. O ‘Outro’, o verdadeiro, está escondido no mistério de Shekinah e na fria obscuridade de Ain e, portanto, ao ser demasiado grande, demasiado poderoso para o ser humano, não lhe resulta útil sendo através de Metatrón que nos acercamos, ainda que indiretamente, a Ele.

Porém, a presença do Pai através de Shekinah ou a energia cinética de Metatrón não pode tomar forma sem Avir.

Avir é o plasma que é moldado por Metatrón para construir o plano desenhado por Shekinah. Até certo ponto não podemos falar de Avir como de um arquétipo como os anteriores, e sim de uma matéria prima consubstancial como os anteriores, porém, sem valor por si mesmo. E é precisamente por este aspecto receptivo, por este aspecto moldável, porém, por sua vez regenerador da substância tal qual a conhecemos, pelo qual é destinado a Binah o princípio feminino e que, na prática, recebe o peso do arquétipo materno através dos conceitos de Ama, Sophia, Barbeló, Gran Erzulie, Helena ou Maria de Magdala. Todos estes arquétipos de Mãe-Mulher em sua função de doadora de vida e protetora do homem são Avir.

Na realidade, ainda que sejam colocados estes três conceitos nas três sephiroths superiores da Árvore da Vida, o certo é que seriam o mesmo princípio - Kether - nos diferentes planos cabalísticos. Shekinah seria Kether em Briah, Metatrón em Kether em Yetzirath e Avir em Kether em Assiah. E logicamente seriam o Malkuth do plano imediatamente superior.

Shekinah seria o equivalente da Substância Ideal, Metatrón equivalente da Essência Real e Avir a Substância Real, e a Essência Ideal se assinaria ao Princípio Inefável.

Porém, como foi dito, quando falou-se de Melki-Tsedek, falou-se do conceito trino Adoni-Tsedek (Senhor da Justiça) que se desdobra a si mesmo como Kohen-Tsedek (Sacerdote da Justiça) e Melki-Tsedek (Rei do Mundo). Deles é este último o mais conhecido e o que assume a realidade sacerdotal no homem ainda que carregue escondidos os outros dois.

Melki-Tsedek como protótipo do ser humano em contato com o Pai é o único que em realidade foi feito a imagem e semelhança de Deus. Ele que encontrou a Shekinah no profundo de seu ser e ativou essa chispa divina que é legado do Pai Inefável.

Tal como Michel P. Bertiaux disse “a chispa divina não está no homem, porém, somente pode encontrar-se dentro do homem”. Esta afirmação tão próxima a C.G. Jung pode parecer um

contrassenso. É certo que a chispa divina não se encontra no ser humano, tal como o conhecemos, já que pertence à esfera bryathica que se encontra distante de nosso corpo manifestado, mas é somente através da busca interna do homem em seu caminho até Adoni-Tsedek como Sacerdote e Rei da manifestação, que o homem, ao refazer-se à imagem e semelhança de Deus, assume sua própria divindade ascendendo sua própria chispa divina originada em seu encontro com Shekinah.

Este aspecto de Sacerdote como comunicador com a Divindade e o aspecto de Rei, não como Governante universal e político, e sim como Dominador da própria humanidade que porta em seu corpo manifestado é o único objetivo válido para Aquele que decide fazer a Vontade do Pai.

FIM